

# A falta de exercício atrofia as inteligências

Educação

19 OUT 1988

JORNAL DA TARDE

Alguma coisa, indubitavelmente, está errada: justamente quando chegamos ao prodígio da comunicação instantânea, via eletrônica, que põe ao alcance de todos palavra, som e imagem, ingressamos também na era da ignorância profunda que envolve não apenas abstrações, de difícil compreensão, mas fatos dos mais banais que constituem — ou deveriam constituir — parte do currículo do ensino fundamental, como ponto de partida da simples preparação para a vida.

Não é de admirar que isso aconteça no Brasil, onde o ensino, em todos os níveis e por várias razões — “participacionismo”, invenção dos “estudos sociais” que são um ragu malcoado de disciplinas distintas, incúria, desinteresse, ideologização e, sobretudo, pauperismo crescente — anda à matroca, contribuindo apenas para aumentar o contingente de ignorantes funcionais em todas as esferas.

Seria de esperar, entretanto, que isso não ocorresse em nações que têm longa tradição de ensino eficiente, como é o caso da Inglaterra, França e Estados Unidos. Lá os estudantes estariam sendo bem preparados e melhor ainda desde que a informática vem sendo usada em larga escala para aperfeiçoar o aprendizado.

Seria de esperar. Mas não é o que vem acontecendo, como é demonstrado por uma série de recentes pesquisas sobre o grau de conhecimento elementar de pessoas consultadas quer cursando cursos regulares, quer egressas de sistemas de ensino obrigatório.

Há alguns meses um semanário francês efetuou uma cuidadosa pesquisa para aferir o grau de conhecimento de estudantes de segundo grau, que se apressam a ingressar no superior. Os resultados foram assombrosos. Muitos não sabem de onde provém a designação da Praça da Bastilha. Alguns, os poucos que ouviram falar em Victor Hugo, acham que ele foi um general italiano. A maioria desconhece quantas repúblicas teve a França.

Nos Estados Unidos, o nível de conhecimento de estudantes não é melhor, como foi demonstrado por uma sabatina feita de surpresa na Universidade de Miami, entre estudantes de Geografia, inquiridos sobre um mapa bastante completo em que os oceanos eram apresentados em azul, os continentes em cinza e as fronteiras entre os países claramente marcadas. Dos inquiridos, 42% não souberam indicar a localização aproximada de Londres, 30% não souberam dizer onde fica o Pacífico Sul e 7,8% não conseguiram indicar a costa atlântica dos Estados Unidos, 43,9% não puderam localizar Chicago, 41% não conseguiram apontar Los Angeles e — pior ainda — 8% foram incapazes de situar Miami, a cidade onde vivem e fica a Universidade em que estudam.

E como chegam esses estudantes ao curso superior? Talvez apenas por sua excelência atlética, a julgar pelo grau de conhecimento dos que chegam ao último ano do curso secundário. Vários destes, há duas semanas, compareceram a um programa de televisão dos mais populares, em que é aferido, alegremente, o nível de conhecimentos gerais. Interrogada sobre o significado de Chernobil, uma das estudantes explicou que se trataria do nome completo da atriz Cher. Khomieni? Outro estudante disse que é nome de um ginasta soviético que se destacou nos Jogos Olímpicos de Seul. A mais extraordinária resposta foi dada por uma estudante interrogada sobre o significado de Holocausto: tratar-se-ia de uma festa religiosa judaica...

Neste fim de semana, uma pesquisa publicada pelo londrino **The Sunday Times** revelou que mais da metade dos ingleses não sabe que dois mais dois é igual a quatro, que apenas um em cada seis é capaz de encontrar a Grã-Bretanha no mapa, que dois entre três não se atrevem a escrever as palavras mais simples por medo de errar na ortografia, que um em cada dois não sabe ler a lista dos horários de trem, que um em cada nove está convencido de que o pastor Iam Pasley — o líder protestante que na semana passada chamou o papa de “anticristo” — é um sacerdote católico. Sete de cada 100 entrevistados não têm idéia de onde se encontravam e outros tantos colocaram a Grã-Bretanha ao lado da América do Norte ou no Extremo Oriente. Três dos consultados afirmaram que o colonialismo não acabou e sustentaram que a Inglaterra continua na África. Para ir à Espanha, sete ingleses em cada 100 seguiram para o Leste, três para o Oeste, dois para o Norte e 13 ignoram o rumo a tomar. Dos entrevistados 59% não sabem como escrever **embarrass** (dificuldade) e 28% não conseguem completar a palavra **exercice** (exercício)...

E por aí vão as pesquisas, dando conta do abismo que se registra e parece aprofundar-se entre o ensino — agora assistido pela moderníssima tecnologia de comunicação, que tem na informática um dos seus principais instrumentos — e a difusão dos conhecimentos mais elementares e tidos como indispensáveis para a vida em sociedade.

Como explicar o fenômeno? Uma pesquisa a respeito talvez leve também a resultados surpreendentes. Mas a resposta talvez esteja no declínio da Galáxia de Gutenberg, ofuscada pela digitação e facilitação dos audiovisuais que garantem o entretenimento — em detrimento do conhecimento. Em plena era do **cooper** as inteligências estão-se atrofiando por falta de exercício...